

APRESENTAÇÃO

Por Marcos Balieiro

Seria perfeitamente possível apresentar este dossiê sobre a filosofia de Hume afirmando que ele é resultado de algumas conversas ocorridas desde a primeira reunião do GT Hume, durante o XVII Encontro Nacional ANPOF. De fato, a criação do GT foi um momento importante para os estudos humianos brasileiros e, como não poderia deixar de ser, alguns dos textos que compõe o dossiê são versões aprimoradas de trabalhos apresentados em sua primeira reunião. Essa, entretanto, é apenas uma parte da história. Isso não apenas porque a própria instauração do GT é resultado de um processo de construção coletiva, o qual recordaremos a seguir. Ocorre, também, que perdemos, no ano passado, o grande João Paulo Monteiro, estudioso português que se destacou por conta de seu trabalho sempre bastante sério, resultado de uma dedicação incansável ao estudo da filosofia humiana. O Prof. João Paulo contribuiu diretamente para a formação de gerações de humianos brasileiros, tanto por meio de orientações (na USP e na UFSC) quanto por sua disposição constante em discutir praticamente todos os temas que figuram na obra de Hume. É justo, portanto, que este dossiê seja em sua homenagem.

Certamente, para boa parte da comunidade de estudiosos de filosofia, Hume ainda é visto, principalmente, como o teórico que, devido a seu tratamento peculiar da causalidade, despertou Kant de seu sono dogmático. Trata-se de uma interpretação bastante reducionista. Ora, ainda que não se possa negar que estamos a discorrer sobre um autor que desenvolveu uma teoria importante acerca da causalidade, o fato é que esse mesmo autor se dedicou a diversos outros temas, alguns dos quais receberam, por parte dele, mais atenção do que a causalidade e a crítica à ideia de conexão necessária.

Hume foi, como se sabe, um filósofo moral que sustentou posições bastante incisivas, por meio das quais posicionou-se firmemente tanto contra o racionalismo de pensadores como Ralph Cudworth e Samuel Clarke quanto contra as morais do amor próprio de Hobbes, Mandeville e La Rochefoucauld. Ainda assim, assimilou, de maneira bastante peculiar, alguns dos pressupostos do “hobbismo” do século XVIII, de modo que seu alinhamento à tradição do *moral sense*, estabelecida por filósofos como Shaftesbury, Hutcheson e Kames, não foi desprovida de tensões.

Pode-se elencar, ainda, sem qualquer esforço, outras facetas relevantes do pensamento de Hume. Um bom exemplo é o modo como ele articulou, em boa parte de sua obra, filosofia, história e vida comum. Isso resulta, em parte, da disposição do autor no sentido de estabelecer uma ciência experimental, da natureza humana, e Hume faz bom uso de relatos históricos (e, também, de exemplos cotidianos) para estabelecer pontos que lhe parecem importantes. Não por acaso, em obra recente, Annette Baier trata justamente da possibilidade de que, em sua volumosa *História da Inglaterra*, Hume tenha revisto pontos importantes de sua teoria da justiça. De qualquer modo, mesmo em textos anteriores, como *Uma Investigação sobre os Princípios da Moral* e em alguns de seus *Ensaio Morais, Políticos e Literários*, ele já havia recorrido a uma enorme dose de erudição histórica para estabelecer teses importantes.

Com relação ao recurso de Hume a exemplos extraídos da história e do cotidiano, existem outros fatores a se considerar: se Hume parece incansável no que diz respeito a seus recursos à história e aos exemplos cotidianos, não é apenas por considerar que ela constituiria uma fonte de experimentos valiosos que possibilitariam ao cientista da natureza humana alcançar conclusões acertadas. A história é importante, também, porque constitui-se em ferramenta importante de formação moral para seus leitores.

Seria possível, ainda, discorrer longamente sobre a teoria humiana do gosto, e o modo como ela parece permitir pontes entre o modo como o filósofo lida com temas éticos e seu tratamento do problema da apreciação de obras de arte. Mesmo que se considere o que Hume tem a dizer sobre o gosto apenas no que toca à estética, é possível observar que sua filiação à corrente iniciada por Dubos se dá de modo bastante original. Isso garante a Hume uma posição importante nas discussões modernas sobre a arte, ainda que o autor não nos tenha legado uma teoria sistemática sobre o tema.

Como já foi dito, boa esses e outros aspectos importantes do pensamento humiano ficaram, por muito tempo, sem a atenção que mereceriam por parte da

comunidade filosófica brasileira. Ainda que comentadores como o saudoso João Paulo Monteiro escrevessem sobre temas diversos daqueles que eram sistematicamente repetidos em cursos de graduação, faltava uma articulação efetiva entre os estudiosos brasileiros da filosofia humiana.

Nesse sentido, é importante destacar os Colóquios Hume, organizados por Livia Guimarães bianalmente, desde 2001. A edição de estreia contou com convidados internacionais como Don Garrett, Geoffrey Sayre-McCord e Simon Blackburn. Desde então, o evento, organizado pelo Grupo Hume coordenado pela Profa. Livia, tem recebido, tradicionalmente, estudiosos reconhecidos internacionalmente, além de muito contribuir para reunir tanto professores quanto alunos de pós-graduação, sempre em ambiente acolhedor e aberto a discussões que, por mais intensas que possam se tornar, são sempre bastante amigáveis.

Outra iniciativa importante são os Encontros Hume, que ocorrem desde 2010. Inicialmente, eram organizados majoritariamente por pós-graduandos. Trata-se de mais uma ocasião em que humianos de todo o país travam discussões bastante acaloradas, mas sempre amigáveis. Trata-se de um evento marcado pela quantidade massiva de apresentações de trabalhos por pós-graduandos. Os Encontros cresceram bastante desde sua primeira edição, o que certamente atesta o aumento do interesse pela filosofia de Hume em nosso país.

Ambos os eventos, bem como as facilidades proporcionadas pela internet, contribuíram para o estabelecimento de uma comunidade de estudiosos que é bastante diversificada, tanto no que diz respeito à sua formação quanto no que toca aos interesses de pesquisa. Com isso, vem-se consolidando um grupo que tem se dedicado, de maneira bastante fecunda, ao estudo rigoroso de vários temas da filosofia de Hume, de maneira bastante democrática, com participação ampla de professores e alunos de pós-graduação. Esse movimento já produziu alguns resultados importantes, como a publicação, no ano passado, da coletânea *Ensaio sobre a Filosofia de Hume*, organizada por Jaimir Conte, Marília Côrtes de Ferraz e Flávio Zimmermann, a partir dos trabalhos apresentados no V Encontro Hume. Espera-se que este dossiê, ainda que não tenha a pretensão de ter a mesma envergadura, seja fiel à diversidade e ao ambiente amigável e democrático que tem caracterizado os estudos de Hume no Brasil.

Houve espaço, é claro, para textos referentes à teoria do conhecimento humiana e às críticas do filósofo à metafísica tradicional, temas sempre em voga entre os comentadores. De maneira geral, os artigos deste dossiê consideram o tema da

epistemologia sempre buscando as relações seja com outros filósofos, seja com outros temas no interior da obra do próprio Hume. Claudiney José de Souza, por exemplo, propõe uma leitura da epistemologia humiana à luz de naturalistas contemporâneos como Quine e Kitcher. Bruna Frascolla, ao tratar das influências que Hume recebeu de Malebranche e de Leibniz, mostra, de maneira bastante clara e rigorosa, não apenas aspectos importantes da epistemologia humiana, mas também em que medida sua filosofia se apresenta como crítica de certas concepções metafísicas bastante arraigadas no pensamento moderno. Cainan Freitas, por sua vez, apresenta considerações que ilustram as relações estreitas entre entendimento, paixões e moral no âmbito da filosofia humiana.

A propósito, a filosofia moral de Hume, que vem sendo objeto de interesse crescente, também recebeu bastante atenção neste dossiê. Bruno Portela se debruça sobre um tema já clássico entre os comentadores da obra do filósofo escocês, o problema *is-ought*. Giovanni Lunardi contribuiu com um artigo em que tece considerações interessantes sobre a teoria humiana da justiça, mostrando que ela talvez tenha lições importantes para o debate político contemporâneo. O texto de Andrea Cachel, oferece uma análise da teoria humiana da justiça que mostra em que medida ela se opõe ao contratualismo, além de investigar como Hume se posiciona no debate sobre os fundamentos da moral entre os pensadores britânicos do século XVIII.

Pedro Paulo Pimenta nos oferece, em um texto instigante e marcado por notável conhecimento do modo como temas diversos se relacionam ao longo da totalidade da obra de Hume, considerações sobre um tópico ainda pouco explorado, a saber, o tratamento que o tema da linguagem recebe no pensamento humiano.

Como já foi dito, este dossiê, se por um lado resulta da consolidação de esforços que merecem ser comemorados, foi concebido em homenagem a João Paulo Monteiro, cujo passamento foi motivo de pesar para os estudiosos lusófonos de Hume. Portanto, nada mais natural do que a publicação de textos que versam diretamente sobre obras do Prof. João Paulo, ou sobre temas que lhe eram caros. É o caso dos artigos de Rubens Sotero dos Santos, que discorre sobre a aproximação entre Hume e o darwinismo proposta por João Paulo Monteiro, e de Leandro Hollanda, que escreve, à guisa de homenagem, um belo comentário sobre *Novos Estudos Humeanos*, obra já clássica do Prof. João Paulo.

Este dossiê traz, ainda, uma tradução, feita por Marcos Balieiro, do “Ensaio Histórico sobre a Cavalaria e a Honra dos Modernos”, texto de juventude que ainda não

tinha tradução para o português. Nesse ensaio, do qual resta apenas uma versão incompleta, Hume antecipa não apenas parte de suas teses sobre a polidez moderna, mas alguns pressupostos do que viria a ser sua ciência do homem.

Por fim, Marcos Balieiro apresenta, também, uma resenha da primorosa tradução dos *Ensaio sobre a Religião Natural* realizada por Bruna Frascolla, ressaltando a importância de uma edição que permita ao leitor uma compreensão ampla do escopo das várias revisões realizadas pelo Hume e do histórico de edições feitas pelo autor.

Segue-se ao dossiê Hume a seção de fluxo contínuo.